

# CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO FREIREANO À PEDAGOGIA SOCIAL

*Rosane Barbosa Marendino*

## **Introdução**

*Falar de Paulo Freire é evocar mananciais de lucidez. É descobrir torvelinhos de protesto justo e valoroso em favor da esquecida dignidade de toda pessoa. É referir-se a uma tenaz e serena vigília pela liberdade dos oprimidos, pela educação e pelo domínio de si mesmo. É reafirmar a convicção profunda de que todos devemos colaborar com a grande aventura do acesso ao conhecimento, do despertar do imenso e emblemático potencial criativo que habita cada ser humano (Federico Mayor)*

No ano de 2020, durante a pandemia que acometeu o país e quase todo o planeta, fui convidada a ministrar aulas no Projeto de Extensão em Pedagogia Social PIPAS – UFF e com imenso prazer aceitei. Faz um tempo que venho dialogando com a Pedagogia Social, geralmente através das bancas de teses e dissertações das quais tenho participado, permitindo que as minhas reflexões sobre esse lugar se construam tanto epistemológica, quanto afetivamente. Esse seria, portanto, um fator muito relevante para a minha decisão ao aceitar o convite.

Porém, um grande desafio estava posto no momento do aceite: o de promover reflexões sobre o pensamento de Paulo Freire - esse grande educador brasileiro - e as contribuições que seu legado teria deixado no campo das ações pedagógicas e sociais. Seriam sete aulas programadas para dar conta dessa grande tarefa.

Portanto, com base nas contribuições de Paulo Freire, vamos nos concentrar em revelar como a experiência da construção da disciplina ocorreu dentro do curso e quais os diálogos permitidos mediante as reflexões e atividades acadêmicas propostas. Esse exercício envolve um dar-se conta das inúmeras mediações possíveis entre o ideário freireano e os enfrentamentos impostos ao campo da educação social.

Durante a pandemia, duas questões muito persistentes fizeram parte do meu conjunto de reflexões de forma mais intensa e nunca dantes percebidas com tal força: uma delas seria a de que o espaço acadêmico é um lugar repleto de possibilidades de produção de conhecimentos, muitas vezes em ambientes jamais reconhecidos ou descobertos. Uma

outra, bem atrelada à anterior, seria a de pensar na aula como arte (CORDEIRO e FURTADO, 2019). Ao aceitar o convite para ministrar a disciplina no curso PIPAS, essas reflexões se especificaram trazendo a ideia de que se por um lado a produção de conhecimentos acadêmicos aponta para as diversas possibilidades teóricas de interpretar, analisar e conhecer o mundo através dos autores, suas obras e referências, por outro também há saberes que se constituem nas experiências vividas cotidianamente e praticadas socialmente. Na minha cabeça vinha a possibilidade de instigar que, através da leitura dos pensamentos freireanos, as experiências protagonizadas pelos cursistas – muitos deles educadores e educadoras sociais – pudessem ser reveladas, trazidas para o espaço da aula, pensadas como *práxis*, ou seja, aquela atividade material do homem que transforma o mundo natural e social para fazer dele um mundo humano (VASQUEZ, 1977).

Descobrir novas ferramentas e planejar a arte das aulas significava dialogar com os fundamentos e, também, com as práticas. Então, lá fui eu pensar em como fazer isso alinhando Paulo Freire ao tecido. A procura de um caminho, deixo aqui o relato dessa minha experiência.

### ***Primeiras tessituras: o planejamento da urdidura***

Em 1985 tive o primeiro encontro fascinante com Paulo Freire. Ele aconteceu dentro de um livro, o primeiro que li dele, o *Pedagogia do Oprimido*. Ouvia falar de Freire, mas nunca tinha lido a sua essência. Em um curso de especialização, fui devidamente apresentada. Desde então, interessou-me tudo sobre ele. Saber seus passos, seus movimentos, suas ações, seus projetos. Ao planejar minhas primeiras aulas no curso PIPAS, essa sensação de trazer a biografia à tona era muito nítida, pois, fez parte do meu processo. Estava intensamente marcada.

Com a proposta de revisitar a vida desse extraordinário homem, a atividade de construção da linha do tempo de Freire me parecia uma interessante perspectiva inicial. Propor a articulação de acontecimentos e do personagem, através da trama narrativa, faz lembrar a imagem de um tecido com fios enredados perfazendo o sentido. E eu pensava nessa tessitura final construindo um enredo que pudesse se perpetuar na vida de cada cursista, como aconteceu na minha.

Paulo Reglus Neves Freire nasceu dia 19 de setembro de 1921 na cidade do Recife, filho de Joaquim Temístocles Freire e Edeltrudes Neves Freire. Foi alfabetizado pela sua

mãe, que o ensinou a escrever usando pequenos galhos de árvore no quintal da casa da família. Sentavam-se à sombra da mangueira e ali ele aprendia as primeiras palavras.

Estava com 10 anos de idade quando a família se mudou para Jaboatão dos Guararapes, uma cidade vizinha à capital pernambucana. Três anos depois, o pai veio a falecer e os tempos tornaram-se difíceis, obrigando a sua mãe a lutar para sustentá-lo juntamente com seus irmãos.

Foi em Jaboatão que Paulo concluiu a escola primária. Em seguida, fez o primeiro ano ginasial no Colégio 14 de Julho que, funcionando no bairro de São José, era na verdade um prolongamento do Colégio Francês Chateaubriand, situado na Rua da Harmonia, 150, Casa Amarela, onde se realizavam os exames finais. Após este primeiro ano de estudos secundários sob a tutela do professor de matemática Luiz Soares, ingressou no Colégio Oswaldo Cruz, também em Recife. Neste educandário, completou os sete anos dos estudos secundários – cursos fundamental e pré-jurídico – ingressando, aos 22 anos de idade, na secular Faculdade de Direito do Recife. Fez esta “opção” por ser a que se oferecia dentro da área de ciências humanas. Na época não havia em Pernambuco curso superior de formação de educador (FREIRE, 1996, p. 30).

Casou-se, em 1944, com a professora primária Elza Maria Costa Oliveira, com quem teve cinco filhos. Paulo Freire teve suas primeiras experiências como professor de nível superior lecionando Filosofia da Educação na Escola de Serviço Social a qual, posteriormente, foi incorporada à Universidade do Recife. Em fins de 1959, prestou concurso e obteve o título de Doutor em Filosofia e História da Educação, defendendo a tese “Educação e atualidade brasileira”. Nomeado professor efetivo na referida universidade, Paulo Freire toma posse do cargo em janeiro de 1961.

O relatório “A Educação de Adultos e as Populações Marginais: O Problema dos Mocambos” foi apresentado no II Congresso Nacional de Educação de Adultos em julho de 1958, no Rio de Janeiro, e trouxe Paulo Freire definitivamente para o status de educador progressista. Nesse momento ele já demonstrava o seu interesse pelo conhecimento popular e pela educação social. Já apontava que a leitura de mundo possibilitaria uma compreensão mais crítica dos problemas que afligem a classe popular.

Sua pedagogia continha a percepção clara da cotidianidade discriminatória da nossa sociedade até então preponderantemente patriarcal e elitista. Apontava soluções de superação das condições vigentes, avançadas para a época, dentro de uma concepção mais ampla e mais progressista: a da educação como ato político (FREIRE, 1996, p. 36).

Como pedagogo do oprimido, Paulo Freire vai construindo sua trajetória através de uma linha do tempo potente, humanizadora e pautada na práxis pedagógica. Em 1960

participa ativamente do Movimento de Cultura Popular no Recife, organizando e dirigindo diversas campanhas de alfabetização popular.

Com a instauração da Ditadura Militar no Brasil e as constantes ameaças e perseguições, Freire sente correr perigo e aos 43 anos de idade exila-se inicialmente na Bolívia e, posteriormente, no Chile, onde viveu até 1969. De abril de 1969 a fevereiro de 1970 morou em Cambridge, Massachusetts, dando aulas sobre suas próprias reflexões na Universidade de Harvard, como professor convidado. Também passou por Genebra como consultor especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas. Durante um relativo tempo viajou bastante e ajudou muitos países a sistematizarem seus planos de educação.

Em junho de 1979 retorna ao Brasil pelas vias da anistia e recebe o convite para dar aulas da PUC de São Paulo. Em setembro de 1980 passa a integrar o corpo docente da Universidade de Campinas – UNICAMP, onde lecionou até o final do ano letivo de 1990.

Em outubro de 1986, sua primeira esposa falece e em 1988 Paulo Freire casa-se com Ana Maria de Araújo Freire.

Em janeiro de 1989 foi empossado como Secretário de Educação do Município de São Paulo no governo municipal de Luiza Erundina, do Partido dos Trabalhadores.

No dia 02 de maio de 1997, Paulo Freire morre aos 75 anos de idade.

Com barbas de profeta e uma imensa esperança no Brasil, Freire andava por aí repetindo que: "quem sabe, ao fazer da docência o meio da minha vida, eu termino modificando a docência no fim da minha vida". Freire nasceu numa rua chamada Estrada do Encantamento. Francamente, uma bela ironia do destino. Atravessou essa estrada por toda sua vida com poderes de um mago libertador de almas. Encantado e encantando, Freire segue em seu pós morte provocando o que vi nas minhas aulas: olhos que brilham, bricolagens de pequenas histórias resgatadas, vontade de falar desse mestre dos escritos e uma intimidade recheada de orgulho, como se ele fosse nosso vizinho de porta, ou um velho amigo com quem trocamos sonhos.

Começar o planejamento revisitando a vida de Paulo Freire deu-nos a dimensão de proximidade que as narrativas de vida possibilitam. Precisamos sentir intimidade, alinhamento e pertencimento para todo o resto fazer sentido. De variadas formas as narrativas desfilaram e povoaram a vontade de falar, ler as pistas e compreender, de fato, o que Freire nos deixou.

### ***Experimentando o humano em nós: humanizar-se, humanizando.***

O documentário “Humano – uma viagem pela vida”, dirigido Yann Arthus-Bertrand, apresenta um roteiro sensível, introspectivo e permite refletirmos sobre discursos de solidariedade que somos capazes de exprimir em todas as culturas e por todo o mundo. Profundos sentimentos sobre o que é visto e ouvido tomam-nos de assalto e nos revelam a complexidade do ser humano. Seria a vida um eterno diálogo entre o individual e o coletivo? A proposta de assistir ao filme e refletir sobre a obra *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire foi estrategicamente pensada, através da sugestão da colega Alice Akemi Yamasaki, a quem devo os bons resultados dessa atividade.

A obra *Pedagogia da Autonomia* foi o último livro de Paulo Freire publicado em vida. Na exposição de experiências e novos métodos, a obra oferece-nos várias possibilidades de práticas pedagógicas ao dialogar com uma educação que teria como princípio máximo a construção da autonomia dos educandos, valorizando e respeitando suas culturas e os conhecimentos empíricos que marcam a sua individualidade. Insistindo na reflexão crítica como uma exigência da relação entre teoria e prática, Freire afirma que se assim não for, a teoria será apenas um amontoado de palavras, e a prática, puro ativismo (FREIRE, 2010).

Durante os anos vivenciados em sala de aula como professora, desde as séries iniciais do Ensino Fundamental até a Universidade, sempre tive a percepção de que, como atores da educação, tanto o professor quanto os estudantes necessitam dos desafios, das novidades, dos estímulos e da pesquisa. Na frase célebre de Padre Antonio Vieira ouço ecoar essa percepção diante da afirmação de que “para aprender é necessário ouvir por fora e entender por dentro”. Sobre isso, talvez Freire complementasse e dissesse: é que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 2010, p. 29). Sentir acolhimento diante das vivências ou experiências culturais, reveladas na sala de aula, faz parte de um processo que começa na escuta sensível do professor ao educando e que vai permitindo que uma aproximação também se construa de tal maneira que ao ensinar, o professor também aprende e se apropria do conhecimento e dos aspectos culturais que são veiculados nesse ambiente. “Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural” (FREIRE, 2010, p. 41). Sem dúvidas, aprendemos na intersubjetividade e no reconhecimento do outro.

Ao debatermos ideias, ao testarmos hipóteses, ao conhecermos diferentes perspectivas, estamos em um ambiente favorável para assumirmos um protagonismo,

atribuindo sentido ao que fazemos. Essa é uma ideia de autonomia que Freire aponta em sua obra. Mais do que isso, esse conceito materializa a compreensão de que educação é um ato político e de que nós somos seres que precisamos estar engajados e comprometidos com a transformação do mundo que nos cerca.

Encontramos no filme “Humanos” gatilhos que poderiam nos trazer para o espaço da reflexão em relação às tensões dialéticas entre indivíduo e coletividade. Ao apresentar mais de duas mil narrativas, coletadas em sessenta países diferentes, percebemos que os relatos do documentário apontam para um questionamento central: o que nos torna humanos? Nas entrevistas, desfilam temas como o amor, a morte, o ódio, a discriminação, a desigualdade, a fome, a esperança, o sexo, o consumismo. Temos todos os mesmos desejos? Temos todas as mesmas necessidades básicas? Partilhamos mais valores do que imaginávamos? Se sim, por que ainda é tão difícil que compreendamos uns aos outros? E, se não nos dermos conta disso logo, não será tarde demais?

Não há homem sem mundo, nem mundo sem homem. Não pode haver reflexão e ação fora da relação homem - realidade (...) O verdadeiro compromisso é a solidariedade (FREIRE, 2014, pp 8-9). Para Paulo Freire é a conscientização que promove autonomia e que permite o desabrochar da humanidade em nós. Assim, a formação é muito mais que adestrar o ser humano. Envolve a necessidade de uma decisão ética dos educadores que, por sua vez, possam conscientizar os educandos quanto à importância da reflexão crítica em relação à realidade em que estão inseridos. Através das obras de Freire, entendemos que não dá para enxergar o destino como irrevogável e apenas esperar o futuro acontecer. O encorajamento virá através de uma prática educativa que traga, em si mesma, mecanismos de politização e de esperança na melhoria de condições.

Interesses humanos de convívio, respeito e justiça não podem ser subjugados por forças capitais que ajam a favor do consumo, do lucro e da economia. O não conformismo, o diálogo, a ética, a crítica, a humildade, a democracia, a transformação e o afeto é que podem garantir que não vejamos atropelada a formação da humanidade em nós.

A forma de viver e nossos valores são a expressão da sociedade em que estamos inseridos. E a gente se agarra a isso (...) Eu passei mais de dez anos na solitária e tive tempo de refletir. E descobri o seguinte: ou você é feliz com pouco (porque é a felicidade que está dentro de você) ou você não consegue nada. Isso não é uma apologia da pobreza, mas da sobriedade. E como inventou-se uma sociedade de consumo – e a economia tem de crescer, pois, se não cresce é uma tragédia – inventamos uma montanha de consumos supérfluos. Compra-se e descarta-se. Mas, o que se gasta é tempo de vida. Porque quando eu compro algo, ou você compra, não pagamos com dinheiro. Pagamos com o tempo de vida que tivemos que gastar para ter aquele dinheiro.

Mas, como uma diferença: tudo se compra, menos a vida. A vida se gasta. E é lamentável desperdiçar a vida para perder a liberdade (Entrevista de Pepe Mujica ao filme Humanos).

O educador social, ao se colocar contra as práticas de desumanização, desvelando as causas da degradação humana, traz à tona não só a dimensão social, mas também a dimensão estética da formação em seu fazer. Na obra *Pedagogia da Autonomia*, Freire (2010, p. 23) adverte-nos claramente para a necessidade de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização. A ética deve estar inseparável do trabalho do educador e precisa respeitar as diferenças, sejam elas de raça, gênero, classe, cultura. O discurso neoliberal que embute uma ideologia fatalista insistirá que não poderemos mudar a realidade, porém, não podemos nos enxergar como objetos uns dos outros. Somos atores sociais e precisamos nos reconhecer através de nossas identidades culturais, através da liberdade, da curiosidade, da consciência do inacabado e da aceitação do novo.

Na experiência com a turma do PIPAS, fazer as tessituras entre o documentário *Humanos* e a (re)leitura da obra *Pedagogia da Autonomia* revelou o quanto Paulo Freire continua atual e pulsante nas possibilidades de refletirmos criticamente sobre a realidade social. Freire não pensava ideias. Ele pensava a existência. Pensava em como vamos nos (re)totalizar na prática da nossa liberdade. Os métodos de opressão não podem, de nenhuma maneira, servir para a libertação do oprimido. Então, é preciso que a gente se descubra, que possamos entender o que nos une e qual a nossa destinação histórica.

### ***Construindo diálogos através da outredade do não-eu***

Ao pensar o planejamento do curso, uma das primeiras intenções que me veio à mente foi a de centrar a ementa na compreensão e no aprofundamento do diálogo como categoria essencial da pedagogia libertadora de Paulo Freire. Propor a leitura não só da obra *Pedagogia do Oprimido*, como também de *Educação como prática da liberdade* e de *Extensão ou Comunicação*?

Para trabalharmos com os textos do livro *Pedagogia do Oprimido*, uma das ferramentas escolhidas foi o *Jamboard* do Google. Em tempos de ensino através de atividades remotas, foi preciso reinventar formas, dinâmicas e instrumentos. Pensava em como capturar os sentimentos evocados pela leitura de um texto tão intenso através do encontro a distância. Sugerí à turma que enquanto alguns voluntários lessem uma página

do livro (a ser escolhida pelos próprios leitores), o restante deveria dirigir-se ao *jamboard* para exprimir ali o que sentiam. Para que fique mais claro, essa ferramenta funciona como um quadro em branco no qual é possível compartilhá-lo para que várias pessoas editem simultaneamente. Possui diversos recursos, dentre eles, a colagem de imagens, de etiquetas, canetas para desenhar, dentre outros. Cada página lida dava a possibilidade de criação de uma tela. Terminada essa fase da dinâmica, solicitei ao grupo que, no documento compartilhado do Google Docs (ferramenta para escrita de texto), pudessem registrar sugestões para o nome de cada tela produzida. A lista de sugestões era visualizada e, logo após, o comando passava a ser o de apagar simultaneamente os títulos até chegarmos a um resultado. Diante de uma proposta lúdica e criativa, pudemos nos deslocar prazerosamente através dos conceitos surgidos. Assim, dentre os títulos das telas, surgiram: Libertando, eu me liberto; O despertar dos oprimidos; Libertar-se; A saída é pelo diálogo e A resistência deve ser uma essência.

O livro *Pedagogia do Oprimido* teve sua primeira edição em 1968 enquanto Paulo Freire estava vivendo no exílio, em Santiago do Chile. É um texto que oferece chaves de leitura muito fecundas para interpretar a realidade do mundo atual e, da mesma forma, para a organização das lutas emancipatórias no campo progressista e democrático. O livro era considerado perigoso, foi proibido no Brasil durante a Ditadura Militar e a sua circulação somente foi permitida a partir de 1974 em razão da sua força na mobilização das lutas por liberdade e democracia. Passado todo esse tempo, desde que foi escrito, ele continua sendo um dos livros mais referenciados e reconhecidos internacionalmente. Provoca-nos a indagação do porquê a leitura dele mexe tanto com a ideia de esperança, de luta e ainda mobiliza coletivos de pessoas. Libertação, despertar, saída, resistência. São os títulos extraídos da atividade com a turma do PIPAS. Forte imagem de um ideário que conjuga e provoca movimentos e sentidos.

Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança. Por isso, venho insistindo [...] que não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado [...]. A utopia implica essa denúncia e esse anúncio (FREIRE, 1992, p. 91)

A utopia implica em comunicação é o diálogo é condição primeira da libertação dos oprimidos. É a prática da dialogicidade, ou seja, a dialética entre ação e reflexão, que nos permitirá uma educação horizontalizada e libertadora. O ato de conhecer implica a comunicação, pois, ela é mediadora da relação entre os sujeitos. “Comunicar é comunicar-



se em torno do significado significante (...) Comunicação é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo” (FREIRE, 1980, p. 67).

A cada ser humano é imposto o desafio do aprender a dizer. Essa é uma exigência fundamental para o processo de humanização. É a partir da pronúncia da palavra que nos tornamos sujeitos históricos capazes de construir intersubjetivamente a existência crítica, criativa e uma sociedade em comunhão de objetivos e vivências. Sendo assim, a educação dialógica, conforme pressupõe Freire, é aquela que permite um encontro entre os sujeitos. E a aula passa a ser “um encontro em que se busca conhecimento” (FREIRE, 1980, p. 79). Nesse momento, Paulo Freire denuncia a visão tradicional de educação bancária, na qual o professor é quem sabe tudo e o aluno só recebe, e enfatiza a prática libertadora, na qual os educandos passam a ser sujeitos de conhecimento.

A comunhão interpessoal e a coexistência entre os sujeitos são antídotos contra o individualismo e “o diálogo é o encontro amoroso dos homens (e mulheres) que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam, e transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (FREIRE, 1980, p.43).

Na tela do nosso *jamboard* ficaram as imagens que denunciam o silenciamento, a opressão, o enclausuramento, a solidão. Mas, também revelaram que há luta, há potência, há formação da sensibilidade e da solidariedade quando nos propomos a pensar coletivamente sobre o mundo. A aula, por sua vez, deve ser esse lugar onde as potências se revelam, onde as forças se unem, onde as redes se constroem e se fortalecem. Uma aula precisa ser emocionante.

### ***Violências: desamor e o óbice do amor***

Nesse momento penso nas aulas que ainda me restavam no curto tempo da disciplina no curso. Paulo Freire é tão grande que não cabe em espaços condensados. Tentei preenchê-los com o máximo que pude oferecer. Recebi muito mais do que imaginava, mas, aproximava-se o fim. Minha opção foi trazer minha colega, já citada por aqui, a professora Alice Akemi Yamasaki, para falar de violências. Alice tem uma vasta e fundamentada pesquisa dedicada a refletir sobre as faces da violência no contexto escolar. “As violências escolares, tomadas como objeto de investigação e reflexão, relacionadas às considerações desenvolvidas por Paulo Freire permitem compreender que é possível um enfrentamento histórico, no âmbito social e escolar” (YAMASAKI, 2007, p. 14).

Curiosamente eu pensava: se Freire sempre manteve a afirmação de que são fundamentais o diálogo amoroso, a harmonia entre os sujeitos históricos e a coerência entre o sentir, o pensar e o agir, o que ele teria a nos falar sobre a violência? Penso que nos conceitos freireanos basilares de liberdade, democracia e diálogo seja possível encontrar os contrapontos para pensar a questão. Encontro no livro Educação como prática da liberdade a citação que contempla as minhas indagações. “A violência é a relação de dominação, de exploração, de opressão, quer se faça através de meios drásticos ou não. É, a um tempo, desamor e óbice ao amor” (FREIRE, 1989, p. 50).

Nas palavras de Alice, extraídas quando ela esteve com o grupo PIPAS para contribuir com seus estudos, vem a ideia da militância pedagógica que precisamos exercer agora mais do que nunca. Ela nos ajuda a pensar sobre quais violências Paulo Freire fala e nos conta que as mais terríveis são as que partem para o silenciamento, para a desconstrução do diálogo crítico, para o falseamento da realidade, para a imposição da solidão e, conseqüentemente, para a destruição da força coletiva. As práticas violentas nos impõem o imobilismo brutal. Portanto, é preciso revitalizar o cotidiano, revelando que é possível um convívio com a pluralidade e a diversidade do povo brasileiro (YAMASAKI, 2007). É preciso propostas que rompam com a fragmentação e com a solidão entre as pessoas; que impeçam o crescimento da desconfiança, do medo, da barbárie.

Não podemos aceitar propostas que provoquem nossas crianças e jovens a fazerem armas com as mãos, como uma piadinha ou slogan de políticos. Não podemos suportar mais a omissão das autoridades diante de valores corrosivos e adoecimentos coletivos. Não podemos permitir mais que tantas crianças e jovens negras e negros engrossem as estatísticas de mortalidade por balas perdidas e dirigidas. É preciso reagir.

A leitura de mundo que Paulo Freire a todo momento nos apresenta é aquela que nos ajuda a identificar, a anunciar e a denunciar o que há de violento no mundo. Por isso, precisamos de pedagogias que nos impulsionem a aprofundar nossos saberes para, assim e então, desconstruirmos mentiras, falseamentos e manipulações.

### *Considerações finais*

Em 2020 um contexto inédito nos atravessa enquanto seres históricos. Trata-se da pandemia por Covid-19 e a assustadora estatística dos mais de 160 mil óbitos até o momento em que finalizo esse texto. Dos mortos pelo vírus no Brasil, a maioria é de

negros e empobrecidos. Somado a essa questão, vemos avançar, no âmbito da política, as forças da extrema-direita no país e a concepção absolutamente conservadora embutida no campo ideológico. Considerando que o público mais atingido é o que pertence à esfera de atuação da Pedagogia Social, torna-se fundamental mapear como os recuos e retrocessos das políticas apontam para a necessidade de o educador social reagir de forma ativa e ativa, nos termos do pensamento freireano. É mais do que pertinente, nesse momento, lermos Paulo Freire.

No desafio de apresentar esse grande personagem da história da educação brasileira para um grupo de estudantes do curso de extensão PIPAS, também me deparei com novos instrumentos, ferramentas e propostas didáticas. A pandemia trouxe consigo a necessidade das aulas remotas e de um novo jeito para o fazer docente. Ou seja, desafio duplicado.

Pensar a aula como arte, na qual o encontro precisa se revelar potente, criativo, lúdico e produtor de sentidos, tem sido meu interesse de pesquisa já faz um tempo. Porém, não imaginava que em período tão curto fosse necessário rearticular as práticas. Apesar dos desafios, pudemos vivenciar aulas potentes, sensíveis e mobilizadoras. Muitos se reencontraram com Freire, outros se emocionaram com seus escritos e alguns que já haviam lido Freire timidamente, aprofundaram conceitos. Mas, uma coisa era certa: todos o conheciam.

Numa época em que temos falado muito em “mitos” no Brasil - nem sempre de uma forma fidedigna aos grandes mitólogos que se dedicaram a esses estudos - quero trazer a provocação final de pensar em Paulo Freire como um MITO. E tratemos dos mitos como Joseph Campbell nos orienta: enquanto sonhos coletivos, ou enquanto conflitos e questões que são partilhadas por todos os membros de uma sociedade e que precisam se expressar de forma simbólica com o mundo (CAMPBELL, 1989).

Os mitos seriam uma espécie de diário de viagem que vai nos mostrando os caminhos que outras pessoas percorreram para superar os inevitáveis percalços da vida. Minha provocação é a de pensarmos Paulo Freire através de um grande mito pessoal. E me arrisco a trazer o mito de Prometeu à cena baseando-me, para tal, nos estudos de Maria Cecília Sanchez Teixeira (2000).

Prometeu foi aquele semideus que ousou roubar o fogo de Zeus, todo poderoso, para entregá-lo aos homens. Ele queria iluminar, trazer luz... Esse sonho das Luzes, cristalizado nessa figura de Prometeu, muito heroico, dualista e fazendo culto ao novo, diz muito sobre o próprio mito pessoal de Freire. É por esse mesmo espírito, o de dar luz,

que ele propõe uma "nova escola" formadora de um "homem novo" para uma "nova sociedade". Paulo Freire encarna essa faceta de um Prometeu contestatário, revolucionário e amoroso. Torna-se, então, um representante significativo de uma importante matriz teórica do pensamento pedagógico brasileiro: a progressista.

Revisitar Paulo Freire em tempos tão sombrios avivou uma chama que andava tímida em mim. Busquei viver esse mesmo espírito com o grupo PIPAS. Volto à trajetória desse grande educador e reflito que ao alfabetizar os trezentos trabalhadores canavieiros do Rio Grande do Norte, Freire mostrou (com a própria prática) que seu método era imensamente relevante em um país no qual muitas mulheres e homens não sabiam ler, mas já trabalhavam duro para sobreviver.

Esse mesmo Paulo Freire, reconhecido internacionalmente pela sua obra, por vezes encontra-se na linha de ataque. Por um lado, há quem diga que ele romantiza excessivamente o papel da escola e a manutenção do sistema. Por outro, há os que o acusam de doutrinador e afirmam que seu método em nada mudou a educação no Brasil.

Não creio que Paulo Freire centre sua concepção de mundo e, conseqüentemente, sua compreensão de libertação no indivíduo. Ele centra a sua preocupação na construção coletiva, na dialogicidade, na construção da solidariedade entre os que se percebem à margem da sociedade. Consciente de seu papel no mundo, ele já nos ensinava em uma das suas tantas frases famosas: “Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade”.

Mais ainda, creio que a agressividade difamatória de alguns segmentos, apenas evidencie a carência de intelectuais com capacidade analítica nesses mesmos grupos. Afinal, somos todos seres políticos com a diferença de que alguns possuem mais (e outros menos) consciência da sua própria ação política no mundo.

Enquanto isso, Paulo Freire segue inspirando-nos a travar batalhas históricas em favor da recuperação do humano, dos direitos sociais, da liberdade e do respeito à dignidade.

### ***Referências bibliográficas***

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Pensamento/Cultrix, 1989.

CORDEIRO, Denilson Soares; FURTADO, Joaci Pereira (orgs). Arte da aula. SP: Edições Sesc São Paulo. 2019.

FREIRE, Ana Maria Araújo. A voz da esposa: a trajetória de Paulo Freire. In: GADOTTI, Moacir (org). Paulo Freire: uma biobibliografia. SP: Cortez, 1996.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. Educação e mudanças. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. Discurso Pedagógico Mito e Ideologia o Imaginário de Paulo Freire. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

VÁZQUEZ, A. Sánchez. Filosofia da práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

YAMASAKI, Alice Akemi. Violências no contexto escolar: um olhar freiriano. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.48.2007.tde-19102007-150455. Acesso em: 2020-10-27.

#### Filmografia:

Humano – uma viagem pela vida. Direção: Yann Arthus Bertrand. Produção: Jean-Yves Robin. França: Paname Distribution, 2015.